

# ESCOLA PARTICULAR EM BAIXA

Paulo Silva Pinto  
Da equipe do Correio

**A**s escolas particulares do Distrito Federal começaram o ano com 1.300 alunos a menos do que os 123 mil do final de 1997. A perda, de 1%, impressiona pouco pelo tamanho. Mas chama a atenção por ser inédita. Não houve registro de queda no número de alunos de 1º Grau em escolas particulares em qualquer parte do Brasil até hoje, segundo o presidente da Federação Interestadual de Escolas Particulares, José Zinder.

O presidente do sindicato das escolas do Distrito Federal (Sinep), Izalci Lucas Ferreira, está preocupado. "A rede particular não perdeu qualidade. Está tendo problemas devido ao arrocho salarial dos funcionários públicos", protesta. Ele acha que depois do carnaval as 1.300 vagas serão preenchidas. Mesmo que isso aconteça, porém, será a primeira vez que a rede particular não cresce.

Em outros estados, o ineditismo ficou por conta da estratégia adotada por algumas escolas: redução de preços. O Colégio Galileo Galilei, no Morumbi, bairro de alta renda na zona Sul de São Paulo, iniciou o ano com mensalidades 10% mais baratas. Não foi um caso isolado. No Rio, várias escolas também diminuíram os preços.

Mas no Distrito Federal é impossível, segundo o presidente do sindicato, reduzir os preços sem prejudicar o ensino. O problema é a concorrência com o sistema público que recebe muitos incentivos do governo. "Em nenhum outro lugar do país o gasto para manter escolas públicas é tão grande quanto

aqui. Os custos de manutenção ultrapassam R\$ 200 por mês por aluno. Ao levar em conta outros critérios, como o capital investido, sobe para R\$ 300. É mais do que muitas escolas particulares cobram", argumenta Ferreira.

## INFLAÇÃO

O sindicato não informou de quanto foi a média de aumento nas escolas particulares da região. Mas o Correio Braziliense consultou quatro casos (veja quadro ao lado) e constatou aumentos acima da inflação — que foi de aproximadamente 6%, variando conforme a instituição responsável pelo cálculo. Os salários dos servidores públicos não têm aumentos há três anos.

Esse descompasso levou Elizabeth Moura, funcionária da Administração do Gama, a discutir 156 e pedir vagas para na rede pública para suas duas filhas no serviço de telemátrica, da Secretaria de Educação.

Seu marido é dono de uma banca de revistas. A renda mensal da família, de R\$ 2.500 por mês, só pôde fazer frente à conta da escola particular até o ano passado. Izalci Ferreira conhece outros casos semelhantes. "As famílias chegam a se alimentar só de sopa para poder pagar a escola, mas às vezes não conseguem mais suportar."

José Zinder, presidente da federação interestadual das escolas particulares, acha que é natural di-

minuição no número de alunos de algumas escolas porque o sistema está "inchado". "No governo Sarney (1985-90), entrou muita gente que não podia pagar pelo serviço, mas achava que poderia graças à hiperinflação."

Mesmo sem dispor de um levantamento exato, ele considera que a rede particular passa por um acomodamento, com a transferência de alunos de escolas mais caras para outras mais baratas. "Com a estabilidade econômica, é natural que isso aconteça. Mas, no final das contas, a escola particular não perderá alunos", diz.

Outros empresários contam com a queda no número de alunos, mas, assim mesmo, não estão preocupados. Sylvio Gomide, presidente do Grupo, uma associação de 57 escolas em São Paulo, acha que a redução da rede particular é inevitável. "A qualidade do ensino público está melhorando. Se os investimentos continuarem, haverá ensino bom para todos e a escola particular vai ficar realmente só para quem pode pagar e ter algo melhor", argumenta.

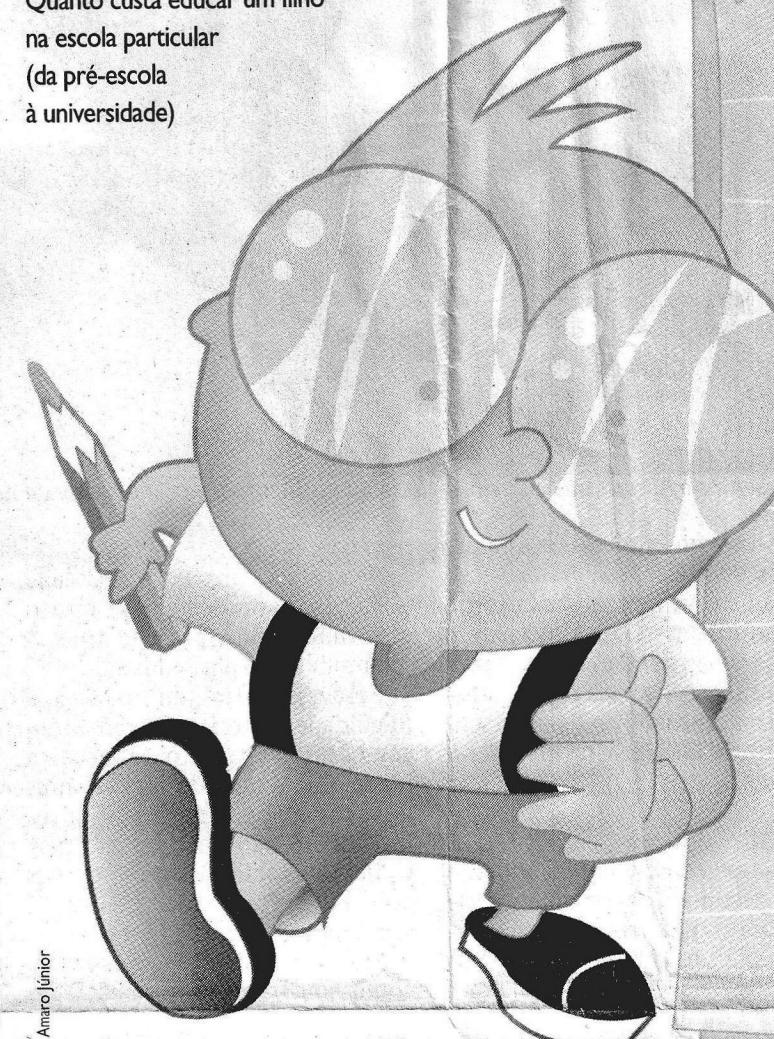
Entre os empresários do setor no Distrito Federal, porém, não há tanta tranquilidade. O sindicato está preparando uma campanha publicitária para reverter a perda de matrículas. "Hoje os alunos de escolas particulares são 18% dos estudantes do 1º e 2º Graus. Mas no futuro poderão ser 12% ou menos. Será a hegemonia de um único sistema de ensino, o público. Isso é antidemocrático", reage Ferreira. A ideia da campanha é mostrar que o fim da escola particular é ruim para o aluno e para a sociedade.

**"SE OS INVESTIMENTOS CONTINUAREM, HAVERÁ ENSINO BOM PARA TODOS E A ESCOLA PARTICULAR VAI FICAR REALMENTE SÓ PARA QUEM PODE PAGAR E TER ALGO MELHOR"**

Sylvio Gomide,  
presidente de associação de 57 escolas em São Paulo

## O PREÇO DA EDUCAÇÃO

Quanto custa educar um filho na escola particular  
(da pré-escola à universidade)



Arte: Ananor Júnior

### PRÉ-ESCOLA (3 ANOS)

Soma das mensalidades: R\$ 9.540,00  
Valor capitalizado em aplicação financeira a juros de 6% ao ano:  
R\$ 10.476

### 1º GRAU (8 ANOS)

Soma das mensalidades: R\$ 25.440,00  
Valor capitalizado: R\$ 32.712

### 2º GRAU (3 ANOS)

Soma das mensalidades: R\$ 11.808,00  
Valor capitalizado: R\$ 12.967

### CURSINHO (1 SEMESTRE)

Soma das mensalidades: R\$ 1.200,00  
Valor capitalizado: R\$ 1.218

### FACULDADE DE DIREITO (5 ANOS)

Soma das mensalidades: R\$ 23.040,00  
Valor capitalizado: R\$ 26.926

### TOTAL DAS MENSALIDADES PAGAS AO FINAL DA FACULDADE

**R\$ 71.028,00**

### TOTAL ACUMULADO (E CAPITALIZADO) AO FINAL DA FACULDADE

**R\$ 132.510**

### DIFERENÇA

R\$ 61.482,00

	Colégio Sigma	Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB)	Escola Adventista de Taguatinga	Colégio Leonardo da Vinci (2)
Telefone	346-3232	340-1600	351-5070	226-6703
pré-escola neste ano	—	R\$ 265	R\$ 171,64	—
pré-escola em 1997	—	R\$ 239 (*)	R\$ 171,25	—
1ª a 4ª série neste ano	R\$ 241	R\$ 265	R\$ 171,64	R\$ 266
1ª a 4ª série em 1997	R\$ 220	R\$ 239 (*)	R\$ 171,25	R\$ 249
5ª a 8ª série neste ano	R\$ 274	R\$ 265	R\$ 182,44	R\$ 297
5ª a 8ª série em 1997	R\$ 250	R\$ 239 (*)	R\$ 171,50	R\$ 278
2º grau neste ano	R\$ 373	R\$ 328	R\$ 202,86	R\$ 393
2º grau em 1997	R\$ 340	R\$ 296 (*)	R\$ 191,85	R\$ 369
Aumento para o 2º grau	9,7%	10,8%	5,7%	6,5%

Observações:  
\* mensalidade média  
(2) há desconto de 8% para o período vespertino

307

mento dos personagens principais da mudança, como Julianna Moura, 13 anos, filha de Elizabeth Moura. Ela está na 7ª série do 1º Grau e gostou de ter trocado a Escola Adventista pelo Caseb, na Asa Sul. "Antes eu não podia usar batom, shorts, nada. Aqui é mais divertido", explicou a aluna.

Ela só lamenta perder três horas por dia em ônibus para chegar à escola e voltar para sua casa, no Novo Gama — antes estudava perto de casa. A mãe só aceitou a mudança depois de ter conseguido vagas em escolas que ela considera boas na rede pública. Adventista, ela não teme a liberdade maior de comportamento que as filhas terão na escola pública. "É importante que elas vejam o mundo como ele é", destaca.

Sua filha lhe disse que o currículo das escolas em que estão hoje é igual ao da escola particular. Uma semana depois do início das aulas é pouco tempo, porém, para avaliar se há perda ou não na qualidade de ensino. Há outros fatores que só podem ser comparados com o tempo, como a formação dos professores, a dedicação deles e a infra-estrutura disponível — laboratórios, por exemplo. Janderson Krone da Silva, colega de Julianna, que também veio de uma escola particular, tem esse pensamento. "Gostei da escola até agora. Mas não dá para saber ainda se o ensino é pior ou melhor."